

**PALÁCIO GUANABARA, RIO DE JANEIRO, RJ,**

**13 DE NOVEMBRO DE 1998**

*Meu caro amigo e companheiro, Governador Marcello Alencar; Meu caro  
companheiro Luiz Paulo; Senhores Deputados Federais; Prefeitos; Prefei-  
tas; Senhoras e Senhores,*

Quando discursava o Deputado Márcio Fortes, que rememorava o significado deste prédio, eu procurava me lembrar desde quando eu tinha a presença deste prédio na minha memória. E me recordei de um fato que não será dos mais auspiciosos do prédio, mas foi em uma manhã de 1938 – a maioria aqui não havia nascido. Eu estava passando uns dias em Niterói e meu pai, que era militar, saiu correndo, de manhã, se fardou e veio para cá, porque o General Dutra veio para cá, para defender o regime contra o assalto dos integralistas, naquela época. E o General Dutra – não me esqueço mais disso – recebeu um tiro na orelha, passou de raspão uma bala pela sua orelha. E aqui estava o Presidente Getúlio Vargas com sua família, resistindo a um assalto dos integralistas contra a legalidade democrática.

Isso marcou a minha meninice, porque não se sabia o que ia acontecer. O pai sai, de repente. Farda-se correndo e vem. Aquele burburinho.

Aquilo marcou para sempre a minha memória: o Palácio da Guanabara. Menos mal, porque, agora, nós chegamos e temos apenas cantos aí, e não balas. Então, estamos mais contentes. O Palácio da Guanabara está florescente.

E, realmente, quando o Governador Marcello Alencar me convidou para que eu viesse aqui, a conhecer o Palácio, foi com grande emoção que eu aceitei esse convite, porque era a primeira oportunidade, também, que eu teria de cumprimentar os novos companheiros que foram eleitos deputados federais e que vão estar nos ajudando lá, em Brasília, e de rever os prefeitos, muitos dos quais eu já tive a satisfação e a honra de ver em outras oportunidades em que visitei o Rio de Janeiro.

Mas, mais do que isso, eu também queria expressar, como agora faço, de público, a minha gratidão ao Governador Marcello Alencar. Eu tenho já longos anos de vida e não tantos, mas já alguns de vida pública. A gente aprende, nesse caminhar, a distinguir as pessoas, a conhecer as pessoas. Marcello Alencar nunca faltou ao Rio de Janeiro, ao Brasil, ao partido e ao Presidente, do qual ele é, hoje, amigo. E tem esse dom, carioca da gema como ele é, de falar as coisas de uma maneira sempre agradável, mesmo quando vai reclamar – e foram poucas as vezes que ele foi reclamar, a mim, de alguma pequena coisa para o Rio de Janeiro. Quando pude, eu o ajudei, porque o Rio de Janeiro não só é o meu Estado, mas, como eu disse e repito, é o farol do Brasil. E o Marcello foi, realmente, alguém que viveu, nessa posição de governador, da forma mais digna possível.

Os números dados pelo Deputado Márcio Fortes são mais do que suficientes. O Rio cresceu quase 50% do seu PIB relativo. Só aquela última observação, de por que São Paulo não cresceu muito, eu espero que os paulistas não tenham ouvido, porque vão pensar que houve, aí, alguma conspiração carioca entre a Presidência da República e o Governador do Estado. Mas não foi por isso. Cresceu porque tem um povo trabalhador, mas cresceu também porque – é verdade o que disse o Márcio – o Governador Marcello Alencar foi capaz de refazer a sua mentalidade e de entender o momento que o Brasil está vivendo.

Não é fácil para nós, que já temos uma certa idade, já percorremos muito na vida e que já nos fixamos em certos valores, de repente, perce-

ber que é preciso fazer o que os italianos chamam de *aggiornamento*: colocar as nossas idéias mais de acordo com as circunstâncias e fiéis aos mesmos princípios, adaptando-os aos desafios do momento presente, para que nós possamos realizar aquilo que o povo espera de nós.

Marcello fez isso. Fez isso e eu assisti, mas assisti com muito empenho, porque eu também estava interessado nas transformações que estavam ocorrendo em um Estado que é um Estado essencialmente burocrático como estrutura de governo, que tem o peso imenso de uma máquina pública que tinha que ser remodelada e que tinha que começar a sofrer transformações, sem as quais não haverá possibilidade de essa estrutura governamental tornar-se ágil, como é necessário que se torne, para que possa continuar atuando, e atuando mais fortemente ainda do que no passado, mas no sentido de atender à demanda da população, ao interesse público e não no sentido de atender, pura e simplesmente, às demandas internas da própria máquina e o custeio de uma máquina que se tornou custosa e pouco eficiente. Marcelo enfrentou com muita energia.

Devo dizer que o Luiz Paulo também foi alguém que ajudou a consolidação dessa imagem de um Rio de Janeiro que realiza o que se diz que vai fazer. E eu me recordo, e fui recordado recentemente, a propósito de uma viagem que fiz ao Nordeste, que quando eu tomei posse, agora, nesse atual mandato, no início dele, eu disse que havia três regiões que me preocupavam e para as quais nós deveríamos – nós, Governo Federal – prestar uma atenção especial. E uma era o Rio de Janeiro. E nós, naquela altura, sonhávamos com o porto de Sepetiba. Ele aí está. Sonhávamos com o avançar no teleporto do Rio de Janeiro. Está avançando. Sonhávamos com o pólo gás-químico, que, infelizmente, por enquanto, ainda não é realidade, mas está caminhando e vai ser realidade. E nem sonhávamos em transformar o Rio de Janeiro em um dos pólos produtores de automóveis no Brasil, de caminhões no Brasil. E, hoje, é um desses pólos. E lá, em Porto Real, lá, em Rezende, nasce uma nova zona para o Rio de Janeiro.

Não é fácil, em menos de quatro anos, transformar em realidade projetos dessa natureza. E projetos dessa natureza não se transformam

em realidade porque o Governo Federal deseja. Só se transformam em realidade quando a população quer e o governador ajuda e o prefeito colabora. E assim foi.

Nós temos o porto de Itaguaí, aqui, no Rio de Janeiro, que é uma marca essencial do futuro desse nosso Estado. Nós temos uma série de obras, como as obras do Metrô, que nós retomamos e estão aí, avançando, e avançando celeremente. E temos Angra II, que já está também em marcha, produzindo mais energia. Enfim, é um novo Rio de Janeiro.

Muitas vezes, quem vive não percebe. Curiosamente, também no Estado do Rio Grande do Sul, que foi um estado com o qual eu me preocupei e que o governador se empenhou em mudar, e mudou a base produtiva do Rio Grande do Sul, eu creio que a população não percebeu. Isso não importa. O que importa é a história. A história registra. Mesmo quando os contemporâneos não percebem, a história registra.

Eu posso lhes dizer, talvez até com a sensibilidade de alguém que escreveu muito sobre história, que o nome de Marcello Alencar está escrito na história do Rio de Janeiro e, por consequência, na história do Brasil.

E quero dizer mais. Já disse que Marcello, pelo seu temperamento, é um homem lhano, é um homem agradável, um conversador, um prosador, sabe conversar, se encanta, ele próprio, com a conversa, mas encanta aos outros mais do que a ele mesmo. Já disse que ele é um realizador. Mas ele é, sobretudo, um político, é um homem de tutano.

A demonstração que deu, de solidariedade efetiva a mim, ao partido, ao Brasil, nesse momento, de repudiar insinuações sem qualquer base e que, de repente, por exploração política, eventualmente possa começar a circular como um rumor, do qual a gente não se pode nem defender, porque não há a acusação, essa demonstração clara do militante Marcello Alencar, do velho lutador das lutas populares, de Marcello Alencar, mostra o tutano político que esse homem tem, o topete que ele tem, não no sentido físico, mas o topete de enfrentar os desafios, com convicção, com coragem e com uma energia, que eu fiquei olhando e: “Meu Deus, será que os mais velhos são os mais fortes?” Parece que, às vezes, são. São os que mais dão a sacudida necessária na história, porque, em certos momentos, os que viveram menos não percebem a necessidade

do grito. Gente como nós – eu me permito me juntar ao Marcello, em preferir o trato ameno –, em certas circunstâncias, somos arestosos, somos espinhosos, somos ouriços e berramos quando é necessário berrar.

O fato de nós, na maior parte do nosso tempo, preferirmos construir na harmonia não nos tira a capacidade de, diante dos desafios, no momento necessário, e sem desmesuras, tomarmos as posições firmes que são necessárias.

Esse é o Marcello, de corpo inteiro e de alma. É o Marcello que eu quero como amigo, que eu respeito como governador, que eu admiro como líder e que – eu tenho certeza – terá muito futuro nesse Brasil.

Muito obrigado a vocês.

